

3 1761 07138093 5



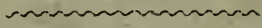
Faria, Caetano Francisco de
Ao Sr. Alexandre Herculano

BT
580
08H425





30	—	80.	Фатма, "Фатма, фатма! Лалка тора"	"Schlanke Fatme, hohe Palme"
40	—	79.	Пъсна любов, "Мнѣ не тронетъ сепина"	Chanson d'Amour, "A quoi bon entendre"
40	—	77.	"Ты не мой соловей"	"Hüte dich, "Nachtigall, hüte dich"
50	—	76.	Приванше, "Я пѣвлякъ могучливый"	Die Blume der Ergebenheit, "Ich bin die Blum im Garten"
50	—	75.	Въ полночный часъ, звѣзды блещутъ"	"Um Mitternacht, hab ich gewacht"
50	—	74.	Ночь тепла, ночь черна (изъ оперы Демонъ)	"Nacht wärme, nacht schwarz"
60	—	73.	На возгудномъ океанѣ (изъ оперы Демонъ)	"Na wogudnomъ океанѣ"
30	—	72.	Не плачь дитя (изъ оперы Демонъ)	"Ne weep, my child"
50	—	71.	Ночь, "Мой голосъ для тебя"	"Nacht, "Mein woclos für dich"
50	—	70.	Отчизна моихъ пѣсней, "Трома раскаты паракотса"	Die Heimatm. Lieder, "Wenn ich des Donners Stimmehöre"
50	—	69.	Трое питанъ, "Вертигъ я тронхъ питанъ"	Die drei Zigeuner, "Drei Zigeuner fand ich einmal"
30	—	68.	Сепине, "Разумъ съ сепинемъ согласить"	Verschiedne Wege, "Mein Verstand und armes Herz"
30	—	67.	"Сказки мой другъ какимъ княземъ"	"Wie bist du nur mein Herzensschatz"
30	—	66.	Къ ночи, "Поляди мнѣ прямо въ очи"	Bitte, "Weil auf mir du dunkles Auge"
30	—	65.	Насъ трое, "Въ долинь тамъ стоить пѣтокъ"	Wir drei, "Es steht ein Blümchen dort im Thal"



60	—	64.	"Воръ сосновы, въ странѣ оинокохъ"	"Der Dieb der Kiefer, in der Land der Weintrauben"
60	—	63.	"Князь Ростиславъ въ земль чужой"	"Der Fürst Rostislav in fremde Land"
50	—	62.	"Кабы знала я, кабы вѣдала"	"Wenn ich wüßte, wenn ich wüßte"
50	—	61.	"Усни печальныи другъ"	"Schlaf, mein traurig Freund"
50	—	60.	"Раздумаютъ волны какъ торы"	"Die Wellen denken wie die Tore"
50	—	59.	"Не вчеръ въя съ высоты"	"Nicht gestern von der Höhe"
60	—	58.	Волки (Вагала), "Котла въ селахъ мучветъ"	Die Wölfe (Wagala), "Die Kessel in den Dörfern kochen"
50	—	57.	"Звонче жаровня пѣне"	"Lauter als die Pfanne"
50	—	56.	"Ложь отшумѣвшасъ капли тихонько по листьямъ телги"	"Die Lüge der geschlagenen Tropfen leise auf den Blättern der Karre"
50	—	55.	"Дробится и брызается и шепчетъ юная"	"Zerschmettert und spritzt und flüstert die Junge"
30	—	54.	"Тракой кнуется облюю наль озерокъ туманъ"	"Die Rinde knistert an den Ufern der Seen im Nebel"
30	—	53.	"Коль любить такъ безъ расцукъ"	"Wenn man liebt, so ohne Zucker"
40	—	52.	Сновидѣние, "Я видѣлъ сонъ"	A dream, "I thought this heart"
50	—	51.	Прости, "Прости, прости краса моя"	Good night, "Good night, good night and is it so"
40	—	50.	Слез, "Грѣсна полуночная мгла"	The tear, "On beds of snow the moonbeam slept"
60	—	49.	Первая фиалка, "Ароматный цвѣточекъ"	La prima viola, "Odorosa foriera d'Aprile"
		48.	"Kondimela pelegina"	

AO SR.

ALEXANDRE HERCULANO.

AO SR.

ALEXANDRE HERCULANO

EM REFERENCIA Á SUA CARTA

DIRIGIDA AO EM.º

CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA

COM A DATA DE 30 DE JUNHO DE 1850.

LISBOA

TYP. DA GAZETA DOS TRIBUNAES
Rua dos Fanqueiros n.º 82.

—
1850

ALEXANDRE BERGELAIN

1904

Nolite tangere Christos meos. — Ps. 104 15.



BT
580
O₈ H 425

Ill.^{mo} Sr.

Vr. publicada pela imprensa, uma carta, dirigida por V. S.^a ao Em.^o Cardeal Patriarcha de Lisboa; e posto que não tenho a honra de conhecer pessoalmente a V. S.^a, foi tão grande a impressão, que me causou o excesso de bilis, que na mesma se derrama contra o desgraçado clero portuguez, que não pude resistir ao impulso, que me obriga a dirigir a

V. S.^a estas poucas linhas, que aqui vão inscriptas. Não é minha intenção justificar a conducta desses oradores, que da cadeira Evangelica, provocaram a contenda sobre os factos, que formam o objecto da sua questão. Estou intimamente convencido que o conflicto devia começar em outro campo; e tambem confesso que nem o facto da apparição de Christo ao Fundador da Monarchia Portugueza, nem o comportamento politico, ou as acções particulares da classe da Igreja, envolvem ligação com a infalibillidade da mesma Igreja, ou com outros dogmas do Christianismo: mas, não deixarei de notar, que considero como um dever sagrado, tractar sempre com respeito a memoria de nossos paes, e que resulta deste dever o empenho de encobrir, ou ao menos não assoalhar as suas faltas, ainda quando fossem verdadeiras. Ora, o elevado conceito, que eu fórho das qualidades, que caracterisam a V. S.^a, e até algumas passagens de seus estimaveis escriptos, me asseguram da rectidão de seus sentimentos religiosos, e, em consequencia, da sua adherencia aos principios da doutrina Evangelica, que nos mostra no chefe da Igreja, o Vice-Gerente do Divino Fundador do Christianismo, e o Pae commum dos Fieis.

Fundado nestes principios, tomo a liberdade de lhe declarar, que muito me edificaria o ver que V. S.^a, na ordem de seus escriptos, punha de parte todos e quaesquer factos, que, não tendo ligação necessaria com o fio da historia, pôdem enfraquecer o respeito e devoção dos Fieis, para com o Supremo Pastor da Sancta Igreja; e naquelles mesmo, cuja re-

latação julgasse necessaria para a instrucção de seus leitores, derramasse menos azedume no estylo de sua carração.

Eu não pertendo que esta sincera manifestação do meu pensar, seja classificada de um aviso, para dirigir a conducta litteraria de um escriptor, em quem descubro, e admiro a mais vasta erudição e profundo saber; tenho em vista unicamente dar alguma desculpa a esses ministros sagrados, dos quaes V. S.^a, se mostra tão offendido, lembrando-lhe que talvez seriam arrastados pelo zelo, hem ou intendido, da reputação do Chefe da Jerarchia Ecclesiastica. Tambem não é o meu fim justificar a conducta dos Papas, a que V. S.^a allude na sua historia: outras pennas mais habeis os teem defendido, e seria até uma deturpação feita a seus argumentos, juntar-lhes o mesquinho contingente de minhas reflexões.

O que me determina a levantar a minha debil voz, no meio desta terra de miserias, em que me vejo collocado, é o desprezo, com que vejo tractado, na sua carta, o infeliz Clero portuguez, que curvado debaixo do enorme peso das calamidades, que pesam sobre elle, merecia antes vistas de comiserção.

É por dois ou tres prégadores que V. S.^a foi provocado; e dá principio á sua desforra por estes (permita-me que o diga) sobre maneira offensivas palavras: = *um Egresso fanatico e ignorante (como são centenares de Sacerdotes no meio do nosso Clero, que não recebe ha muitos annos nem educação moral, nem litteraria)*

me cobriu de injurias diante de um concurso numeroso!! = De todo o Clero portuguez affirma V. S.^a que não tem recebido, ha muitos annos, nem educação moral, nem educação litteraria: são por tanto classificados de desmoralisados, e ignorantes os Mino-ristas, Subdiaconos, Diaconos, Presbyteros, e até os mesmos Prelados, que occupam o primeiro logar nesta classe, que V. S.^a enobrece com tão honrosos caracteres. Ainda me parece que posso accrescentar a respeito destes ultimos, que não só experimentam o golpe geral, com que fulmina todo o Clero portuguez, mas em particular faz recahir sobre alguns uma censura privada, notando-os de negligentes, nas providencias que reputa do seu dever = *para obstar aos ataques brutaes feitos á liberdade do seu pensamento.* = Esta censura, digo, é dirigida expressamente ao Exm.^o Arcebispo Primaz, e indirectamente ao Em.^o Cardeal Patriarcha, que, por identidade de circumstancias, vai incluido na mesma arguição.

Não sei o pensar de tão respeitaveis personagens a este respeito, mas conheço que não necessitam do auxilio de braço alheio para se defenderem; e por isso é só aos meus irmãos que dirijo esta breve apostrophe: = Meus charissimos collegas e irmãos em J. C. O conceito que de nós se fórma é assas triste: somos considerados como uma classe estúpida, sem moral e sem instrucção: nosso ministerio perdeu toda a consideração por causa da nossa ignorancia: nossas pessoas são tractadas com o mais completo desprezo: dasse-nos o vergonhoso epitheto de ignorantes, e mal-creados; ainda que seja tarde devemos aprender lições de

delicadeza e civilidade: vamos pois estudal-as nas expressões do Sr. Herculano!!

Mas deixemos ironias, que possam irritar o irascível de V. S.^a, já excessivamente inflamado contra o pobre Clero. Diga-me pois por sua vida: será justiça sacrificar á sua indignação centenaes de victimas para se desaffrontar do insulto, que lhe fizeram tres ou quatro individuos? Será philantropia provocar o desprezo publico sobre tantos infelizes, que escondidos no retiro de sua pobre casa, ou debaixo das telhas de seus bemfeitores, encontram fechados todos os caminhos da consolação? Será prudencia desafiar o resentimento de tantos homens pacatos, que recolhidos na sua vida privada, fogem das rixas de uma polemica esteril, e dos enredos de uma politica cavilosa? Parece-me que não deve estranhar se lhe disser, que não foi a sua illustrada razão, que lhe serviu de pharol nesta occasião; mas antes uma paixão desmedida contra a classe, a que se dirige.

É verdade que procura depois, afastar alguma parte do odioso de suas fulminantes expressões, accrescentando mais abaixo estas palavras menos severas: = *a guerra desleal que uma parte do Clero (digo de uma parte, porque no seu gremio ha muitos homens leaes, e verdadeiramente illustrados etc.* = Isto seria effeito de algum remorso; mas parece-me que já vem tarde. V. S.^a matou o Clero, e depois vem-lhe com o remedio! Ainda accrescento, que duvido muito da sua

contricção, e ainda mais da emenda; porque vejo mais abaixo os pobres Clerigos retratados no desprezível onagro que feriu na testa o rei das feras.

E não poderá converter-se (em parte) esta comparação contra quem a produziu? V. S.^a quer inculcar-se na figura desse generoso valentão, que desprezando, no seu vigor, as provocações dos sendeiros, sente ferver-lhe o sangue nas veias quando, no enfraquecimento de uma enfermidade mortal, se vê insultado pelo desprezível jurmento: mas de certo não quadra ao Sr. Herculano o estado de prostração em que a fabula representa o rei das florestas. V. S.^a acha-se na posse do seu vigor intellectual, favorecido da estima publica, e animado com os laureis de suas façanhas litterarias. E o Clero? Pobre Clero! Vê-se sem representação, sem meios, moribundo e completamente inerte. É nestas circumstancias que ferem seus ouvidos essas ameaças, ainda mais estrepitosas que as bombardas de Dio = *de um castigo terrivel e exemplar!!* =

Ora, desengane-se o Sr. Herculano, parece-me que advinho as armas com que nos ameaça: desde já lhe declaro que me não assustam. A preocupação ainda não é tão desfavoravel, como V. S.^a nos quer persuadir. O respeitavel publico ainda se não esqueceu inteiramente dos importantes serviços, que o Clero tem feito a sociedade. Fallam por elle os seus escriptos: fallam até as nossas conquistas, nas quaes é difficil de-

cidir se teve maior parte o valor de nossas armas, se o zelo dos ministros do Evangelho.

Ainda nos nossos dias apparecem documentos litterarios, pelos quaes se prova, que não é só das margens do Mondego que são a litteratura de Portugal. A penna clerical tem occupado, e vai occupando os prelos com fragmentos de bastante interesse. Ainda o Sanctuario encerra alguns thesouros escondidos, de sciencia e instrucção, que podem enriquecer o paiz com suas producções: e se estas não são tão frequentes como se podia esperar, ha uma causa, que desculpa esta omissão. Os prelos exigem o seu salario, e os sacerdotes não tem pão: a simplicidade Evangelica, onde beberam seus conhecimentos, não lhes ensina esse estylo poetico e fanfarrão, que forma o gosto do seculo. Daqui resulta um bem fundado receio de verem inutilizados seus trabalhos e despesas. Se eu tivera pão (dizia um escriptor de nossos dias) tambem escrevêra uma Historia de Portugal. (*)

Resta-me dizer ainda duas palavras relativamente á moral do Clero. Conheço muito bem que quanto possa dizer em seu abono, perde grande parte do seu peso, por sahir de uma penna dirigida por um de seus membros: por isso serei moderado nesta parte. Para afastar suspeitas de parcialidade darei principio por uma confissão ingenua, de estar convencido, de que não é louvavel o procedimento de alguns ministros do Sanctuario: lamento, com o Sr. Herculano,

(*) *Motim Litterario* de José Agostinho.

a desmoralisação desses individuos , inscriptos no ministerio sagrado , que desacreditam com suas acções a sanctidade de seu estado. Mas que me digam se se encontra , ou tem encontrado alguma classe , que com verdade se possa gloriar de incontrar , em todos os seus membros , aquellas virtudes moraes , que pede o estado ? Que me digam , se a par desses mãos ecclesiasticos , não apparecem outros muitos , cuja conducta se mostra irreprehensivel ? Que me digam se as cazas , e logares de deboche contam entre os seus frequentadores um numero de Clerigos proporcionado ao de outras profissões.

Ora , parece-me , que para se classificar um estado , deve dirigir-se a consideração , em primeiro logar , á parte mais sãa , e aos sujeitos mais conspicuos. Isto me ensinaram meus educadores ; e se esta regra tem sido algumas vezes desmentida pelos factos , nunca achei que fosse contrariada por argumentos. Se me disserem que os ecclesiasticos são mais reprehensiveis em rasão da sanctidade do seu estado , não me opponho ; mas parece-me que pela mesma rasão , tem direito a serem tractados com mais respeito. E com effeito , se eu tivesse o atrevimento de me explicar , a respeito de uma classe qualquer , por estes termos , que aqui vão inscriptos , trazidos da carta do Sr. Herculano : = *Nesta profissão ha centenaes de individuos fanaticos e ignorantes ; n'ella não ha educação moral , nem litteraria* : = Se assim falasse , ou escrevesse , que indignação suscitaria contra mim ? Acredito , que considerando-me muito pequeno para me castigarem por outro modo , puniriam minha ousadia com as ar-

mas do desprezo. Ora, os ecclesiasticos tambem são homens: tambem teem seus caprichos, porque o estado não os isenta das paixões; e por essa razão resentem-se das desatensões com que são tractados, e assiste-lhes o direito de se desafrontarem.

Eu queria terminar aqui as minhas reflexões, mas ainda sinto despedaçar-se-me a alma com o estampido desse golpe que remata o seu conflicto, e que vem animado com o vigor de uma sublime interrogação: = *Quando a Igreja, envolvendo a fronte no véu da sua immensa tristesa, e sentindo humedecer-lhe os pés o sangue humano vertido pelo ferro sacerdotal, contempla aterrada o futuro, ha dor de individuos a que seja licito um brado?* = Declaro solemnemente perante V. S.^a, e perante o publico, que me sinto horrorisado quando leio ou ouço taes e tão severas arguições, que aleivosamente se fazem ao Sacerdocio!!... A minha convicção suscita-me uma emenda, que transtorna a significação, e muda o sentido das referencias, que envolve este ultimo periodo da sua carta: = *Quando a Igreja, envolvendo a fronte no véu da sua tristesa, e sentindo humedecer-lhe os pés o sangue humano, vertido pela philosophia regeneradora, que, atacando instituições, consagradas pelo tempo, e justificadas pela experiencia, faz terriveis esforços para a esbulhar do seu direito e propriedade, poderão estranhar os seus ministros, o odio que se lhes manifesta, nos insultos com que são tractados pela mesma philosophia?* =

Combine o publico desapaixionado os nossos pen-

samentos, e decida onde está a verdade e a justiça;
e V. S.^a considere-me seu

Muito respeitador

Santarem 20 de agosto
de 1830.

Caetano Francisco de Faria.

13.	„33.“	„Утренняя звезда.“ „Ляля краснеть не бо- Моргнишь „Ночь ахнет ман кауш“		
14.	„34.“	Росника. „На гряди у Розы башкетъ“ Люд. „An der Rose Busen schmiegt sich“		
15.	„35.“	Птичка. „Вотъ вывлясь подъ обаяк“ Die Lerche. „Lerche steigt im Gesang“		
16.	„36.“	Заряка. „Видоленъ цвѣточикъ бѣлый“ Rathsel. „Es schmachtet eine Blume“		
17.	„37.“	Пѣсня. „Окро весны затмится заря“ Люд. „Siehe der Frühling wähet recht lang“		
18.	„38.“	Отголосокъ. „Ты мнѣ являсь“ Nachhall. „Ich sah dich einmal“		
19.	„39.“	Раннимъ утромъ. „Я слышу въ шепотъ“ Frühmorgens. „Ich weiss nicht“		
20.	„40.“	Пѣсня. „Тѣнь за тѣнью сконяръ“ Люд. „Nun die Schatten dunkeln“		
21.	„41.“	Новая любовь. „На воздухъ живо“ Neue Liebe. „Hinaus ins Weite“		
22.	„42.“	Пѣсня Кэрхенъ. „Горе и радость“ Clärchen's Lied. „Freudvoll und leidvoll“		
23.	„43.“	Жажда свободы. „Крѣпко я въ сбѣлѣ сизѣ“ Freisinn. „Lass mich nur auf meinen Sattel“		
24.	„44.“	Трагедія. „Бѣги со мной“ Tragödie. „Entlieh mit mir“		
25.	„45.“	Пѣсня птичекъ. „И по вѣтвямъ мы скачякъ“ Lied der Vögelch. „Von Zweig zu Zweig hüpfen wir“		
26.	„46.“	Пѣсня пѣсна. „Полночный вѣтеръ прихихлять“ Waldlied. „Der Nachtwind hat in den Büumen“		
27.	„47.“	Весенняя вѣра. „Пришла жезанная весна“ Frühlingsglaube. „Die Linden Lüfte sind erwacht“		
28.	„48.“	Минья. „Минья пламенная роза“ Vorüber. „Vorüber, wo die leichte Rose“		
29.	„49.“	Вечеръ на морѣ. „Въ волненья море“ Meeresabend. „Sie hat den ganzen Tag“		
30.	„50.“	Лотосъ. „Лотовку отъ жара сконявъ“ Lied. „Die Lotusblü augstigt sich“		
31.	„51.“	„72.“	„31.“	„Блеститъ роса, на ржевсннхъ листьахъ“ „Es blüht der Thau in den Gräsern der Nacht“
32.	„52.“	„32.“	„32.“	„Какъ птичка вешная въ дѣсахъ“ „Wie eine Lerche in blauer Luft“
33.	„53.“	„33.“	„33.“	Пѣсня вѣлка. „Впередъ впередъ“ Die Waldhexe. „Vorbei, vorbei“
34.	„54.“	„34.“	„34.“	Утренний привѣтъ. „Я съ утреннимъ привѣтомъ“ Morgens. „Nun gieb ein Morgenkusschen“
35.	„55.“	„35.“	„35.“	„Лорный цвѣтокъ, не бѣди старыхъ мрътъ“ „Welchen am Berg, woran machest Du mich“
36.	„56.“	„36.“	„36.“	Утрата. „Какъ глядо уль соловѣшко“ Verlust. „Ich hatte eine Nachtigall“
37.	„57.“	„37.“	„37.“	„Чаша дѣсна, зеголь мурътъ“ „Waldemannskind du grünes Kevier“
38.	„58.“	„38.“	„38.“	Ночь. „Сыпшл-ли зыкъ нощъ“ Die Nacht. „Hörst du die Gründe rufen“



BT
580
08H425

Faria, Caetano Francisco de
Ao Sr. Alexandre Herculano

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 08 02 16 035 1